

Thomas Hobbes e o estado de natureza humana*

Rogério Giovani Soares Ferreira **

Resumo

O presente artigo pretende examinar a concepção Hobbesiana do estado de natureza humana. Para tanto, tomamos como horizonte de nossos argumentos o capítulo XIII do *Leviatã*, onde há, por parte de Hobbes uma apresentação do princípio do estado de igualdade entre os homens.

Palavras-chave: Natureza; Humana; Igualdade; Guerra.

Contextualização histórica

O Século XVII é, segundo muitos historiadores, denominado de século da autoridade, fortemente marcado por revoluções, por apresentar, senão em toda sua extensão, pelo menos em boa parte dela não muito favorável para os reinados absolutistas. “Uma cabeça de rei cortada: espantoso sacrilégio que pudera ser cometido sem que o fogo do céu aniquilasse

* Artigo recebido em 31/07/2020 e aprovado para publicação em 30/09/2020.

** Professor do Departamento de Filosofia da UNIMONTES. Especialista em História da Filosofia Moderna e Contemporânea. Mestrando em Filosofia pela FAJE.

imediatamente os culpados!”¹ Essa passagem ilustra bem o caótico e convulsivo cenário da época. Onde o parlamento inglês se insurge contra a coroa com a pretensão de realinhar os rumos da Inglaterra. Já que desde o momento em que deixou de ter como regente os Tudors, família que a conduzia com mãos firmes e habilidosas e passou a ter a desastrosa regência da família dos Stuarts, reconhecidamente inábeis e inquietos a Inglaterra se viu em meio a constantes dissensões religiosas e políticas. É somente com uma resistência mais robusta que a luta armada inicia uma sucessão de avanços e repetidos sucessos nas frentes de batalha culminando com a decapitação do rei. Comwell, inaugura seu reinado (1651) na Inglaterra agora transformada em república, *Crommonwealth*.

Essa breve contextualização histórica, pode até certo ponto parecer óbvia, mas é, segundo nosso entendimento, estratégica para permitir um melhor posicionamento do cenário que inspirou Thomas Hobbes (1588-1679), que tem como sua principal obra: “*Leviatã, ou a Matéria, a Forma e o Poder de um Estado Eclesiástico e Civil*”².

Introdução

Hobbes³, desde o seu nascimento de parto prematuro, não pôde desfrutar de paz e tranquilidade. O destino determinou que vivesse um período não menos agitado socialmente. Daí a emblemática frase atribuída por ele mesmo, “minha mãe pariu gêmeos, eu e o medo”⁴.

O ambiente era hostil. Hobbes nutre aversão aos debates político-religiosos, até então, muito frequentes no ambiente acadêmico e que causavam grande instabilidade da autoridade e, com isso, via se aproximar cada vez mais delineada a guerra civil. Os debates, que tinham como escopo a teoria das formas de governo, em grande parte, eram norteados por duas teses que já prevaleciam, digamos assim, há alguns séculos. Os pontos de divergências assumidos por Hobbes são dois, a saber, “a distinção entre as formas boas e más e o governo misto. Nos dois casos a refutação deriva, com lógica férrea, os dois atributos fundamentais da soberania: seu caráter absoluto e a indivisibilidade”⁵.

¹ CHEVALLIER. 1999. p.65.

² A saber: Leviatã é um monstro bíblico, uma espécie de grande hipopótamo de que fala o livro de Jó, onde afirma: “não haver poder” sobre a terra que se lhe possa comparar”. (CHEVALLIER. 1999.p. 66).

³ Segundo Norberto Bobbio, em sua Obra: “A teoria das formas de governo”, Hobbes é o maior filósofo da idade Moderna, até Hegel. Escreveu muitas obras políticas de importância capital para a compreensão do Estado moderno, sendo as principais: *The elements of Law Natural and Politic* (1640), *De Cive* (1642 e 1647) e *Leviathan* (1651). Cf. BOBBIO. 1981. p. 107.

⁴ RIBEIRO. 1999. p. 17.

⁵ BOBBIO. 1981. p. 107. Apesar de reconhecermos a relevância destes dois conceitos observamos que não temos condições para analisá-los aqui. A nossa referência se dá com o intuito de mostrar tanto a profundidade do debate da época como contra o quê Hobbes estava indo de encontro. Sugerimos, com isso, a leitura do texto, citado por nós, do professor Norberto Bobbio: “A teoria das formas de governo” onde no seu capítulo VIII haverá uma análise bastante minuciosa dos referidos conceitos.

A proximidade da guerra civil o assombrou profundamente. Sobretudo por nesse momento ser ele preceptor da nobre família dos *Cavendish* e, ainda, por recear possíveis excessos oriundos das consequências quanto à receptividade de um de seus escritos políticos (*De Corpore Político*) que já circulava, de maneira clandestina, na sociedade Inglesa, esse temor o levou ao exílio. Que, apesar de tudo, não foi tão ruim. Muito embora aconteça a famosa inimizade com Descartes publica vários livros, além de preparar o *Leviatã* e lecionar para o futuro Carlos II.

Dispensando aqui maiores considerações sobre a formação continuada de Hobbes, suas preferências filosóficas e científicas, passaremos para alguns comentários acerca do *Leviatã*.

Entendida como síntese do pensamento de Hobbes, o *Leviatã* tem como raiz uma interessante conjunção de um espírito potente e rigoroso. Com estrutura mecanicista e, conforme a contextualização de sua vida, repleto de obsessões e de um coração cheio de temor, mas também, ansioso pelo estabelecimento da paz tanto para si próprio quanto para o seu país. Conforme Silva,

No interior da cosmologia mecanicista hobbesiana, a realidade pode ser reduzida a dois elementos, quais sejam corpo e movimento. (...). O pensamento hobbesiano está fortemente amparado nessas duas noções, a partir das quais é possível edificar toda sua filosofia, inclusive a política⁶

Essa obra tem como substancial importância na atuação da descentralização do poder da igreja e, conseqüentemente de Deus. O estado pode decidir sobre as coisas espirituais. Neste sentido, o *Leviatã* exerceria a função de desvelamento da vida dos cidadãos, esclarecendo a sua verdadeira natureza, suas paixões e seus direitos⁷.

Uma vez apresentado esse pequeno percurso introdutório seguiremos para uma análise, em especial, do capítulo XIII do *Leviatã*. Onde pretende-se analisar a tese do estado de natureza do homem.

Thomas Hobbes e o homem natural

“Assim como em tantas outras coisas, a NATUREZA (a arte mediante a qual Deus fez e governa o mundo) é imitada pela arte dos homens também nisto: que lhe é possível fazer um animal artificial”⁸. Achamos importante promovermos esse pequeno recuo à introdução do texto do *Leviatã*, para de algum modo fundamentar a proposta de nossa análise.

⁶ SILVA. Cadernos de Ética e Filosofia Política. Vol. 1, n 30. p. 145.

⁷ Sugerimos para aprofundamento nesta questão a obra de LEO STRAUSS: Direito Natural e História. 2009. p .99-114.

⁸ HOBBS. 2008. p 11

Hobbes lança essa tese motivado pelo mecanicismo e pela passagem, pelo movimento do homem do estado de natureza para o estado artificial, ou seja, o da República (*Civitas*), constituído com o fino propósito de proteger esse homem natural⁹.

No então capítulo XIII do *Leviatã*, denominado: "*Da Condição Natural da humanidade relativamente à sua Felicidade e Miséria*", tentaremos sermos o mais fieis possível na análise por entendermos que o esforço de Hobbes é apresentar que há um grau, bastante considerável, da igualdade, conforme Foucault, "(...) a guerra de todos contra todos é uma guerra de igualdade, nascida da igualdade e que se desenrola no elemento da igualdade"¹⁰, que, por sua vez, será o necessário para que cada homem adquira condições de abrir negociação quanto a constituição de um contrato fundado em termos equitativos que tenha como referência seu valor de ameaça no estado de natureza.

Para tanto seguiremos com a seguinte passagem.

A natureza fez os homens tão iguais, quanto ás faculdades do corpo e do espírito , que, embora por vezes se encontre um homem manifestamente mais forte de corpo, ou de espírito mais vivo do que outro, mesmo assim, quando se considera tudo isso em conjunto, a diferença entre um e outro homem não é suficientemente considerável para que um deles possa com base nela reclamar algum benefício a que outro não possa igualmente aspirar.¹¹

O cenário é a natureza. O personagem é o homem. Diante disso, Hobbes defende a posição que mesmo sendo portador de uma certa qualidade, digamos assim, distintiva de um homem para outro ora quanto a força, ora quanto o seu espírito, o seu conjunto, ou seja, a sua natureza humana não considera tais atributos suficientes e, com isso, os equivalem. Assim, essa possível intenção de superioridade entre um homem e outro é anulada, inviabilizando assim a reivindicação de supostos privilégios amparados por tais distinções. Mas em que medida isso acontece? Segundo Hobbes, "(...) quanto à força corporal o mais fraco tem força suficiente para matar o mais forte, quer por secreta maquinação, quer aliando-se com outros que se encontrem ameaçados pelo mesmo perigo."¹² A desproporção da força física é compensada, neste caso, ora pela antecipação do ataque, ora pela associação das forças dos demais indivíduos que veem no indivíduo como portador de uma força descomunal uma ameaça comum¹³. Podemos notar que em ambos os casos a desigualdade da força física é superada pela astúcia e pelo discernimento,

⁹ SILVA. Cadernos de Ética e Filosofia Política. Vol. 1. n 30. p. 143-149.

¹⁰ FOUCAULT. 1999. p. 103.

¹¹ HOBBS. 2008. p: 106.

¹² HOBBS. 2008. p: 106.

¹³ Cf. MARQUES. Cadernos de Ética e Filosofia Política 14, 1/2009. P. 73-101.

capacidades mentais que articulam uma emboscada que darão fim as pretensões de superioridade de um em relação aos outros.

No entanto, há em meio a todo esse cenário um argumento relevante que Hobbes explorará com mais afinco e cuidado. A capacidade de articulação que envolve desde a seleção do grupo, no caso, opositor constituído por indivíduos menos favorecidos de força física e, sobretudo, e aqui, nos parece o argumento nevrálgico da questão, a habilidade na criação dos possíveis argumentos que atuaram na persuasão dos cúmplices.

Esse argumento está diretamente condicionado ao seguinte trecho:

Quanto às faculdades do espírito (pondo de lado as artes que dependem das palavras, e especialmente aquela capacidade para proceder de acordo com regras gerais, infalíveis a que se chama ciência, que pouquíssimos têm, e apenas numas poucas coisas, não sendo uma faculdade inata, nascida conosco, nem alcançada – como a prudência – enquanto cuidamos de alguma outra coisa), encontro entre os homens uma igualdade ainda maior do que a força. Porque a prudência nada mais á do que experiência, que um tempo igual concede igualmente a todos os homens, naquelas coisas a que igualmente se dedicam.¹⁴

Hobbes é preciso ao identificar que o impedimento da realização plena dessa igualdade se dará em virtude do que ele denomina de: “presunção vaidosa” da própria sabedoria. Ou seja, uma certa, para sermos econômicos, arrogância nutrida pelos indivíduos de que podem possuir maior nível de sabedoria que os outros. Essa é, segundo Hobbes, uma das principais características da natureza humana, Segundo Silva, “todo homem naturalmente busca a satisfação de seus desejos individuais”¹⁵. Onde, muito embora, possam no seu íntimo reconhecer em outros uma capacidade maior, relutam fervorosamente, ao reconhecimento público de tal capacidade sempre, com isso, buscando destaque à sua própria capacidade ignorando a do outro.

Essa postura é reconhecida por Hobbes como sendo natural. Por ser natural se torna um forte conectivo que corrobora com a igualdade dos homens e nunca com a desigualdade. “(...) geralmente não há sinal mais claro de uma distribuição equitativa de alguma coisa do que o fato de todos estarem contentes com a parte que lhes coube.”¹⁶ Assevera Hobbes em mais uma passagem que enfatiza a igualdade entre os homens. No entanto, atrevo-me aqui uma interpretação que se distancia um pouco da estrutura do argumento Hobbesiano. Há uma tentativa de adequação, de ajustamento nestas diferenças em benefício da constituição de uma convivência mais amena. Hobbes opta por ignorar as desigualdades naturais para apostar em uma igualdade natural. Proporcionalmente não

¹⁴ HOBBS. 2008. p 106-107.

¹⁵ SILVA. Cadernos de Ética e Filosofia Política. Número 30. p. 144.

¹⁶ HOBBS. 2008. p 107.

restam dúvidas que a igualdade se apresenta no conjunto da natureza com maior clareza, maior percepção. Mas não podemos ignorar que a desigualdade, mesmo, em menor proporção é, também, clara e perceptível.

O ambiente onde vigora a igualdade quanto às capacidades, aqui sigo o argumento de Hobbes, é favorável para a constituição de um ambiente onde possa conjugar os nossos fins. Se a manifestação de desejo de dois homens for equivalente. Ou seja, se dois homens desejarem o mesmo naquele mesmo tempo haverá, indubitavelmente, a incapacidade de realização de tal desejo por ambos. Esse impedimento trará um prejuízo para a ordem harmônica das convivências. Estes dois homens se tornaram desafetos. Assim, a prioridade na manutenção da conservação, no caso, da vida será ignorada, já que algo os seduz à ponto de promoverem a suspensão dessa conservação. O efeito dessa desavença será a tentativa incessante de um subjugar o outro. De um buscar a destruição do outro. Sigamos a seguinte passagem que se apresenta bastante instrutiva para este argumento.

E disto se segue que, quando um invasor nada mais tem a recear do que o poder de um único outro homem, se alguém planta, semeia, constrói ou possui um lugar cômodo, espera-se que provavelmente outros venham preparados com forças conjugadas, para o desapossar e privar, não apenas do fruto do seu trabalho, mas também da sua vida ou da sua liberdade. Por sua vez, o invasor ficará no mesmo perigo em relação aos outros.¹⁷

A condição natural do homem, segundo Hobbes tem a peculiaridade de quase que ciclicamente, aqui quero imprimir uma espécie de movimento destas ações, ter que se antecipar com a confecção de armadilhas. O intenso teor de desconfiança conduz os homens em condição natural á sempre buscarem se antecipar as possíveis ações imaginadas. As relações são perpassadas por uma desconfiança que altera sensivelmente o estado emocional dos homens.

Essa antecipação, pode ser empreendida tanto pelo emprego da força física quanto pelo uso da astúcia. Ambas têm um objetivo muito bem definido, que é de subjugar todos que puderem, independentemente do tempo que durar. Essa duração tem um caráter de defesa, além evidentemente, de impor um sofrimento maior aquele que sente os seus efeitos. Essa defesa se dá como uma espécie de marcação de posição. Ou seja, o objetivo é impingir o outro de que não se tem, pelo menos, no momento força capaz de impor uma ameaça. Destarte, destaca-se que para Hobbes, apesar de entendermos tais ações estratégicas delineadas com requintes de perversidade, é encarada como normal, como ação estratégica adotada para contribuir para a conservação da vida.

¹⁷ HOBBS. 2008. p. 107.

Talvez, na tentativa de amenizar um pouco toda essa expressiva perversidade, Hobbes, afirma, essa, digamos, dificuldade de estabelecimento de confiança, muito embora seja apresentado primeiramente como um conjunto de ações desferidas com o propósito de uma desavença, conforme acabamos de acompanhar. Ele promove uma pequena digressão, mas não menos importante para este momento de análise, destacando as relações de amizade. Segundo Hobbes, "(...) os homens não tiram prazer algum da companhia uns dos outros (e sim, pelo contrário, um enorme desprazer), quando não existe um poder capaz de intimidar à todos."¹⁸

Essa relação amigável, deve necessariamente ser permeada por uma norma, por uma regra que permita a convivência entres os homens de maneira pacífica. O ponto de desentendimento é, também, muito sutil. Passa pelo desvelamento de uma vaidade sem precedentes. Onde cada um exige que o outro reconheça nele um valor que ele próprio lhe atribui. Ora, essa exigência é, para dizer o mínimo, absurda. Mas em que medida? Na medida em que ao proceder assim, haja uma descaracterização da identidade daquele que atribui o valor. Essa pode, ao nosso entendimento, ser uma posição bem definida, porém, como dissemos, sutil de subjugação. Parece-nos que em meio a esse cenário natural onde o homem se posiciona para subjugar o outro de forma sempre antecipada a palavra de ordem que alimentam é a discórdia¹⁹.

Thomas Hobbes e o temor do outro

Chegamos ao momento da constituição dos argumentos de Hobbes que começam a delinear a criação de uma outra natureza, se assim podemos dizer, uma natureza permeada pelo temor. É necessário que as relações humanas sejam perpassadas por um tipo de poder que atue como estabilizador dessa propensão ao ataque antecipado. Têm-se que manter os homens em permanente estado de "temor respeitoso", já que se encontram na condição que se denomina de guerra, a saber, "uma guerra que é de todos os homens contra todos os homens. Pois a GUERRA não consiste apenas na batalha ou no ato de lutar, mas naquele lapso de tempo durante o qual a vontade de travar batalha é suficientemente conhecida."²⁰

Para Hobbes tanto as noções de tempo como de clima são estritamente estratégicas na natureza da guerra. Tudo isso em função da repercussão da ausência de segurança e do emprego de sua capacidade inventiva de se proteger ora com o dispositivo da força ora com o dispositivo mental. Todo esse cenário baseado na preocupação do homem com a sua

¹⁸ HOBBS. 2008. p. 108.

¹⁹ Segundo Hobbes, (...) na natureza humana encontramos três causas principais de discórdia. Primeiro, a competição; segundo, a desconfiança; e terceiro, a glória. A primeira leva os homens a atacar os outros tendo em vista o lucro; a segunda, a segurança; e a terceira, a reputação. Cf. (HOBBS. 2008. p. 108).

²⁰ HOBBS.2008. p. 109.

conservação se torna um impedimento para a manutenção da sociedade, há com isso, uma precarização de todos os meios que vão da subsistência até um profundo estado psicológico de constante medo, de permanente perigo, muitas vezes, imaginário de ter uma morte violenta. "E a vida do homem é solitária, miserável, sórdida, brutal e curta."²¹

Com isso, a natureza humana pode não ser muito bem interpretada, muito bem entendida quando essa natureza apresenta um homem capaz de atacar, de subjugar, de enfim, destruir o outro, seu concidadão e aqui, talvez, alcançando um estágio ainda mais perverso até mesmo seus familiares.

Que seja, portanto ele a considerar-se a si mesmo, que quando empreende uma viagem se arma e procura ir bem acompanhado; quando vai dormir fecha as suas portas; mesmo quando está em casa tranca os seus cofres; embora saiba que existem leis e servidores públicos armados, prontos a vingar qualquer dano que lhe possa ser feito. Que opinião tem ele dos seus compatriotas, ao viajar armado; dos seus concidadãos, ao fechar as suas portas; e dos seus filhos e criados, quando tranca seus cofres?²²

Na tentativa de amenizar um pouco todo esse cenário de profundo temor, Hobbes afirma que nem sempre foi assim. No entanto, apesar de tentar reconhecer que na extensão do mundo não tenha havido tais práticas, reconhece que em alguns lugares, possa sim ter havido, talvez, com maior intensidade. O que definirá essa intensidade é a ausência completa de um governo firme que atue sempre que houver manifestações favoráveis ao combate de uns contra outros. A ausência de um governo incide de maneira direta na qualidade de vida do indivíduo. Ou seja, este vive de forma precária, sem poder aproveitar o que a vida de fato lhe oferece. Viver bem e com segurança. Isso serve para a sociedade. Tanto que Hobbes destaca que "os reis, e as pessoas dotadas de autoridade soberana, por causa de sua independência"²³ sempre serão alvo de constantes ameaças, de constantes emboscadas. Daí a necessidade de estarem sempre alerta. Sempre preparados e dispostos a anteciparem o ataque. Com suas armas em mãos, com suas fronteiras cobertas pelos seus regimentos, mas também como não deve vigorar somente a força, o serviço de, digamos, inteligência, para atualizar a terminologia com o nosso tempo, é sempre oportuno já que anuncia com maior precisão a necessidade de antever uma invasão, por exemplo.

Assim, em estado de guerra o que deve prevalecer é a prontidão. Ficar atento aos mínimos detalhes do inimigo. É imaginar a constituição de emboscadas à cada noite, a cada dia. É viver em constante estado de tensão. A natureza humana subtrai do homem todo seu ímpeto de vida

²¹ HOBBS. 2008.p. 109.

²² HOBBS. 2008.p. 110.

²³ HOBBS. 2008.p. 110.

tranquila aprazível tanto com ele mesmo, mas sobretudo com o outro. Não há relação possível com o outro. Assim como “não há justiça, nem injustiça. Certo nem errado.”²⁴

O que prevalece é o estado de guerra, de vigília onde se mantem a tentativa de surpreender o outro. No entanto, uma correção se faz necessária. Apesar do entendimento comum, que se apresenta equivocado. O estado de natureza não é o estado de selvageria. Segundo Ribeiro: “o homem natural de Hobbes não é um selvagem. É o mesmo homem que vive em sociedade. Melhor dizendo, a natureza do homem não muda conforme o tempo, ou a história, ou a vida social.”²⁵

O medo da morte, segundo Strauss, “em muitos casos o medo da morte violenta acabava por constituir uma força menos poderosa do que o medo do fogo dos infernos ou do que o medo de Deus”²⁶, e até mesmo da necessidade de conservação da vida. O medo de uma morte violenta é uma paixão²⁷ que orienta o homem a se esforçar para o estabelecimento da paz. Mesmo que esta lhe custe a sua plena liberdade. A necessidade de um estabelecimento de um acordo que traga consigo um conjunto de regras que viabilize essa conservação e, conseqüentemente, a prevenção de uma morte violenta é o que se chama de lei da natureza. Lei esta que reforça a condição natural, o estado natural do homem.

Conclusão

Entendemos ser Hobbes, o que melhor diagnosticou a relação humana como um espelhamento de um cenário de guerra. Para isso levou em consideração tanto seu fundamento quanto o princípio das relações de poder entre os homens. Destarte, tentamos apresentar a origem deste estado, a saber, a condição de igualdade entre os homens e o caráter, digamos assim, motivador que é o permanente medo, a permanente desconfiança de um em relação ao outro. Os homens, segundo Hobbes, não nutrem um afeto de fraternidade. Muito pelo contrário, o que vigora é um permanente estado de animosidade entre eles.

A Filosofia de Hobbes inaugura um pioneirismo na maneira como apresenta a sociedade plenamente desnudada de qualquer indumentária religiosa ou tradicional e, com isso, capaz de buscar a solução para os seus problemas, para as suas guerras *per se*.

²⁴ HOBBS. 2008.p 111.

²⁵ RIBEIRO. S/d. p. 54.

²⁶ STRAUSS. 2009. p. 170.

²⁷ Para uma melhor definição do que seja o conceito de paixão em Hobbes, sugerimos a leitura do capítulo VI Das origens das paixões do *Leviatã* de Thomas Hobbes.

Bibliografia

BOBBIO, Norberto. A teoria das formas de governo. Tradução: Sérgio Bath. 10ª Edição. Editora: UNB. 1981.

CHEVALLIER, Jean – Jacques. *As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias*. Prefácio: André Siegfried. Tradução: Lydia Cristina. 8 ed/2impressão. Rio de Janeiro. Agir.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no collège de France*. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo. Martins Fontes. 1999. (Coleção tópicos).

HOBBS, Thomas. *Leviatã, ou Matéria, Forma, e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil*. Organizado por: Richard Tuck. Edição Brasileira supervisionada por: Eunice Ostrensky. Tradução: João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. Tradução do aparelho crítico: Cláudia Berlinder. Revisão da tradução: Eunice Ostrensky. 2ª Edição. São Paulo. Martins Fontes. 2008. (Clássicos Cambridge de Filosofia política).

RIBEIRO, Renato Janine. *Ao leitor sem medo: Hobbes escrevendo contra o seu tempo*. 2ª Edição. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 1999.

SILVA, Hélio Alexandre. *Thomas Hobbes: Política, Medo e Conflitos Sociais*. In: Cadernos de Ética e Filosofia Política. 2017. Vol. 1 n 30. Página: 143-163.

STRAUSS, Leo. *Direito natural e história. Introdução e tradução*: Miguel Morgado. Edições 70. 2009.

WEFFORT, Francisco C. *Os Clássicos da política – Maquiavel, Hobbes, Locke, Montesquieu, Rousseau, "O Federalista"*. Colaboradores deste volume: SADEK, et all. 1º Volume. 13ª Edição. 4ª Impressão. Editora Ática.